

Artigo Original

A construção do ídolo no fenômeno futebol

Márcio Pereira Morato ^{1,2}
Sérgio Settani Giglio ^{1,2,3,4}
Mariana Simões Pimentel Gomes ^{1,5,6}

¹ *Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, SP, Brasil*

² *Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura - Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, SP, Brasil*

³ *Faculdade de Educação Física da Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil*

⁴ *Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, SP, Brasil*

⁵ *Faculdades Anhanguera de Campinas, SP, Brasil*

⁶ *Centro Universitário Padre Anchieta, Jundiaí, SP, Brasil*

Resumo: Este artigo objetivou investigar o papel do ídolo na construção do fenômeno futebol no Brasil. Foram entrevistados ex-jogadores de futebol, jogadores profissionais e jogadores de futebol para cegos. O tratamento dos dados destacou quatro categorias: Criação, Difusão, Idolatria e Papéis. Para tal categorização e inferência foi utilizada a Análise de Enunciação, uma das técnicas da Análise de Conteúdo. A construção de ídolos mostrou-se dependente da valorização de grandes feitos e da criação de vínculos. Os feitos são dependentes das categorias tempo e espaço, dando um “prazo de validade” para a idolatria e propiciando uma cíclica renovação de ídolos. Os vínculos serão maiores quanto maiores forem as relações da tríade jogador-clubes-torcedor. Os feitos são “mostrados” na mídia e se os vínculos estiverem bem estabelecidos, a imagem do ídolo será exaltada e valorizada, alimentando e motivando a paixão dos torcedores e cultivando o sonho de ser jogador de futebol no imaginário social.

Palavras-chave: Futebol. Pessoas com Deficiência. Ídolo.

The construction of the idol in the football phenomenon

Abstract: This paper objectives to investigate the idol role in the construction of the football phenomenon in Brazil. For that, ex-football players, professional football players and football 5-a-side players were interviewed. The data analysis emphasized four categories: Creation, Diffusion, Idolatry and Roles. To analyze and make inferences from the data, the Enunciation Analysis, one of the Content Analysis technique was used. The construction of idols was dependent on the appreciation of great achievements and creating bonds. The achievements are dependent on the categories time and space, giving an "expiration date" to idolatry and providing a cyclic renewal of idols. The stronger the relationship of the triad player-club-fan, the deeper the bonds will be. The achievements are "shown" in the media and if the bonds are well established, the image of the idol will be exalted and valued, nurturing and motivating the passion of the fans and cultivating the dream of being a football player in the social imaginary.

Key Words: Football. Disabled Persons. Idol.

Introdução

O futebol é um fenômeno tão complexo quanto à origem do universo, diriam os românticos apaixonados. Mas comparações à parte, os mistérios apresentados por sua complexidade tem encontrado na ciência algumas tentativas de elucidação. Muitos autores e pesquisadores vêm tentado compreender por diversos âmbitos, como essa modalidade consegue fascinar de forma impressionante tantas pessoas no Brasil e no mundo.

Os inúmeros elementos que interagem para gerar seu contexto, tais como os clubes/equipes, as torcidas, a mídia, os jogadores, técnicos e um imensurável número de outros aspectos, criaram ao longo da existência do Futebol, um “sistema” capaz de marcar a história da humanidade e de se liquefazer a ela ao se difundir pelos quatros cantos do mundo. Difusão que tem na imagem do ídolo, um dos misteriosos elementos que contribuem de forma significativa para alimentar sonhos e o fascínio exercido pelo jogo.

Um fato ocorrido no mês de junho de 2009 pode ilustrar a grandeza e o poder de fascínio exercido por ídolos da modalidade. Após investir R\$ 177,5 milhões no brasileiro Kaká, o Real Madrid da Espanha contratou o português Cristiano Ronaldo por R\$ 254 milhões¹. Se os números assustam pela grandeza, não foi diferente com a apresentação dos novos atletas à torcida. Kaká levou cerca de 50 mil pessoas ao estádio Santiago Bernabéu e Cristiano Ronaldo fez com que quase 80 mil torcedores fossem prestigiá-lo na apresentação². Ídolos que conseguiram encher o estádio sem que ao menos houvesse jogo nesses dias.

Como eles foram capazes desses feitos? Que “forças” eles exercem nas pessoas que o admiram? O que eles têm de diferente dos outros jogadores?

Norteados pelas questões expostas, este artigo objetiva investigar o papel do ídolo na construção e difusão do fenômeno Futebol em nosso país. Para tal, procurou-se identificar e compreender semelhanças e diferenças atribuídas à imagem do ídolo em diferentes contextos – futebol profissional e futebol para cegos.

Materiais e métodos

Com a delimitação do problema centrada no objetivo exposto anteriormente, as características dessa pesquisa requeriam uma investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico. Buscou-se absorver ao máximo as informações a serem colhidas nos relatos orais dos sujeitos, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes (THOMAS, NELSON, 2002).

Para tal, foi utilizada a entrevista semi-estruturada (TRIVIÑOS, 1987) junto a nove jogadores e dois ex-jogadores de futebol profissional³ e mais seis jogadores de futebol para cegos⁴.

¹ Real abala o mundo da bola. *O Estado de S. Paulo*, 12 de junho de 2009, p. E1.

² Festa de C. Ronaldo supera a de Kaká. *O Estado de S. Paulo*, 7 de julho de 2009, p. E1. O público presente para ver Cristiano Ronaldo superou o recorde da apresentação de Maradona no Napoli, da Itália, em 1984.

³ Os entrevistados serão identificados da seguinte forma: ex-jogadores de futebol (Ex-Jog.), jogadores de futebol profissional (Jog. Prof.) e jogadores de futebol para cegos (Jog. Fut. Cego).

⁴ Pelo fato da modalidade de futebol para cegos ainda não poder ser considerada profissional optou-se por entrevistar os jogadores da seleção brasileira. Dois deles já foram artilheiros em competições internacionais (Mundial e Paraolimpíada) e também considerados os melhores jogadores do mundo. Todos praticam a modalidade a mais de 13 anos. Além dos jogadores integrantes da seleção brasileira bi-campeã

Para o tratamento, análise e interpretação dos dados recorreu-se a uma das técnicas da Análise de Conteúdo: a Análise de Enunciação. Esse tipo de análise é complementar à análise temática, que recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos (BARDIN, 1977).

Após a verificação das temáticas recorrentes – CRIAÇÃO, DIFUSÃO, IDOLATRIA, PAPÉIS – cada discurso foi novamente analisado em sua singularidade dentro dos diferentes indicadores (temas) e do sentido atribuído a eles por cada interlocutor. Assim, as entrevistas entraram em diálogo com o referencial teórico para auxiliar o processo cíclico de dedução e indução de hipóteses elaboradas pelos pesquisadores.

A criação de ídolos

A palavra ídolo vem do grego *eidôlon* e significa imagem. Imagem estabelecida pela importância dos feitos de alguém. A importância ou relação desses feitos é estabelecida pelas categorias tempo e espaço. Tempo em relação à duração que a imagem permanece em evidência; espaço em relação ao “onde” cada imagem é construída – para quem ela é modelo e quais os limites alcançados por seus feitos (GIGLIO, 2007).

É principalmente a primeira dessas categorias – o tempo – que diferencia o ídolo do herói. O ídolo está ligado ao tempo cotidiano, à construção da imagem no dia-a-dia, batalha após batalha, evento após evento, dentro de uma lógica de fatos que ocorrem de forma sequencial e gradativa. O herói vincula-se ao tempo sagrado, a um evento isolado, podendo diferentemente do ídolo, alterar sua condição em um curto espaço de tempo. Por isso, o ídolo pode assumir papel de herói ao realizar façanhas em momentos importantes, mas um herói pode não se tornar um ídolo, se seu feito não tiver continuidade, não tiver um período duradouro na linha do tempo.

Segundo Campbell (1990), o herói é aquele que concedeu a própria vida por algo maior que ele mesmo e que realizou algo ou passou por experiências pelas quais poucos passaram. Nesse sentido, são venerados como heróis aqueles que algum dia foram os responsáveis imediatos por realizar alguma façanha que vincule

paraolímpica em Atenas/2004 e Pequim/2008, que recebem a bolsa atleta do Ministério dos Esportes, dificilmente encontram-se outros exemplos na modalidade em que os jogadores recebem para jogar (MORATO, 2007).

o seu nome ao momento da conquista. As finais esportivas, por pertencerem ao tempo sagrado, são ricas em criar heróis, os gols, os pontos ou as cestas decisivas são utilizadas como marco reservado aos heróis.

Numa sociedade que valoriza o vencedor, a vitória, a ascensão, impondo um padrão de comportamento que reconhece o mais forte e o mais habilidoso, aquele que chegar ao topo servirá como exemplo para os demais (RUBIO, 2001). Assim, ambos são figuras tidas como modelos para aqueles que os admiram. Mas do herói admiram o feito e do ídolo admiram a vida ou a imagem que ele representa.

Para se ter um ídolo, é preciso ter quem os idolatre. No futebol isso se estabelece na tríade ídolo-torcida-clube (GIGLIO, 2007; MORATO, 2005). Torcida e clube determinam o espaço de atuação da imagem de um jogador; e seu tempo de permanência na equipe, o vínculo necessário para o nascimento de uma admiração por seus feitos.

A aproximação do clube com o torcedor é em grande parte estabelecida pelo papel do ídolo. É ele quem faz o elo, quem aproxima a massa do espetáculo. Como afirma Campbell (1990, p. 16), “Quando se torna um modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal que se torna possível de ser mitologizada”.

Os jogadores que se destacam pelas vitórias e que realizaram feitos que poucos foram capazes passam a ser mais admirados, como o foram Pelé, Zico, Ronaldo e Romário. As vitórias e os feitos excepcionais são condições importantes para a identificação com algum personagem do meio futebolístico, pois os colocam em evidência e abrem o caminho para que possam ser idolatrados pela torcida.

Quando um jogador, além de realizar grandes feitos, demonstra fidelidade para com a identidade do clube, tende a aproximar-se mais ainda do torcedor, já que ambos compartilham da mesma ideologia. O torcedor por sua vez propende a admirar mais o jogador com tal postura.

A admiração por esses jogadores acontece, de acordo com os entrevistados, pelo fato de terem atingido o auge de uma carreira como jogador profissional, terem conquistado vários títulos e por serem ídolos dos times que defenderam.

Defender as cores de um mesmo time durante anos possibilita ao atleta atingir marcas até então nunca conseguidas. Bater o recorde de partidas disputadas, ser o maior artilheiro da história do clube ou do estádio do clube, geralmente são condições conseguidas por aqueles que criaram um vínculo duradouro com o clube. Isso faz com que o jogador se torne parte do patrimônio do clube.

Em alguns casos esse vínculo se torna tão forte que a presença do ídolo pode transcender o clube e sua imagem passa a não depender mais dele⁵. Tal fato acontece quando os torcedores vão aos jogos motivados não somente para ver o seu clube jogar, mas também para ver seu ídolo (GIGLIO, 2007; MORATO, 2005).

Hoje no Brasil, esses vínculos estão cada vez mais escassos, pois os jogadores que se destacam migram cada vez mais rápido para os grandes centros futebolísticos⁶. Como afirma Rial (2008), a lógica estabelecida é a do rodar e os vínculos se tornam transitórios. É o que Florenzano (2009) denomina de “jogador-andarilho”.

De modo geral, a referência do ídolo para o clube/torcida tem um tempo cada vez mais curto, salvo algumas raras exceções. Mas a imagem projetada, não só pelos jogadores, mas por todos aqueles que reproduzem e transformam o futebol em um fato social, é uma das responsáveis por alimentar o sonho de um dia ocupar o lugar que hoje é do ídolo.

Com isso, a referência do ídolo alimenta o imaginário⁷ da geração que o substituirá, contribuindo para a reposição cíclica das figuras

⁵ A situação pela qual passaram Kaká e Cristiano Ronaldo quando da apresentação à torcida do Real Madrid revela que o ídolo, ao se transferir de time, pode levar consigo o status construído em outro lugar e continuar a ser idolatrado. Porém, caso não construa o vínculo com o novo clube e com a torcida, rapidamente, esse status quo será transformado em contestação. O exemplo oposto que ilustra isso, é o momento pelo qual Ronaldinho Gaúcho passa no Milan. Ao ser transferido do Barcelona para o Milan, o jogador brasileiro carregou consigo todo o status conquistado na Espanha, mas uma série de fatores o levaram a ser contestado, a ficar na reserva e ver cada vez mais distante a condição de ídolo em Milão, na Itália.

⁶ Por ironia ao futebol-arte e ofensivo que se afirma sobre o estilo brasileiro, hoje são os goleiros que figuram entre os veteranos dos times no país. Rogério Ceni está no São Paulo desde 1990 e Marcos está no Palmeiras desde 1992, ambos esperaram alguns anos para conquistarem a condição de titular e desde então figuram como os grandes ídolos dessas duas equipes.

⁷ Tomamos imaginário da forma como Castoriadis (1982) definiu: imaginário e simbólico se relacionam, sendo que o imaginário utiliza o simbólico para existir.

idolatradas. Aqueles que ficaram para trás no tempo, permanecem restritos a lembranças, falas e fotos daqueles que um dia os viram jogar. As imagens tornam-se escassas e por isso eles são substituídos constantemente (GIGLIO, 2007). Por esse motivo, Pelé foi lembrado como um grande jogador, mas não foi destacado como ídolo pelos entrevistados. Seria incoerente, que aquele considerado o maior jogador de futebol do mundo fosse o ídolo dos entrevistados⁸, se não fosse a ideia de reposição cíclica, que produz novos ídolos para atuar na lacuna dos que já saíram de cena.

A difusão da imagem dos ídolos

Dentre os diferentes setores influenciadores e influenciados pelo futebol, a mídia exerce um papel importante neste processo de construção do ídolo, estabelecendo grande parte da relação dos personagens que constroem o fenômeno (TOLEDO, 2002).

Atualmente, diante das facilidades tecnológicas, a imagem dos ídolos está cada vez mais presente para os torcedores. Mesmo os ídolos distantes, não mais vinculados aos clubes de coração, mas aos clubes do exterior, podem ser acompanhados com facilidade. O avanço tecnológico encurtou as distâncias geográficas. Basta ligar a televisão ou acessar a internet para acompanhar as ligas européias e os jogadores que lá atuam. Aproximar o público dos campeonatos realizados no exterior faz com que as imagens dos jogadores, muitas vezes dos próprios brasileiros – que devido às novas “dinâmicas do rodar” nunca atuaram no Brasil – passem a fazer parte do imaginário de muitas pessoas que acabam por ter os jogadores estrangeiros ou brasileiros-estrangeiros como seus ídolos.

Porém, a utilização da imagem dos ídolos é extremamente manipulada pela mídia. A leitura do jogo pelos especialistas passa por uma seleção do olhar. Discutem-se algumas jogadas em detrimento de outras, sendo algumas imagens eleitas como as principais da partida. Por detrás disso está uma questão estética⁹, do gosto cultural, do olhar que filtra as informações que

mais interessam e que acabam sendo mais valorizadas pelos espectadores que as recebem.

No período de consolidação do futebol como o principal esporte para os brasileiros o rádio foi um dos pilares de sua difusão. Principalmente os ex-jogadores ressaltaram que as pessoas escutavam o futebol pelo rádio porque a televisão não transmitia os jogos *ao vivo*¹⁰ e/ou pela dificuldade em ir ao estádio. Nesse período, devido às dificuldades em acompanhar de perto às partidas, os ídolos ficavam mais distantes. Assim, jogadores da seleção brasileira destacaram-se como ídolo somente após a conquista da primeira Copa do Mundo em 1958.

[...] a gente naquela época não tinha televisão, você ouvia no rádio, era muito difícil a gente poder ir ao estádio. [...] depois que em 58 veio a Copa do Mundo que ainda era difícil a gente assistir na televisão, aí começou aparecer o Garrincha, aparecer o Didi, o Pelé começou aparecer, então a gente começou a ter esses jogadores como ídolo também (Ex-Jog. 6).

Mesmo com a entrada da televisão, aqui no Brasil, o rádio não perdeu seu espaço. Ele ainda é muito utilizado para acompanhar os jogos, basta observar a quantidade de pessoas que levam seus radinhos à pilha para os estádios de futebol.

Para os jogadores com deficiência visual a utilização do rádio é preferida em relação às mídias visuais, pois as informações oriundas dos rádios são mais detalhadas e completas, já que tentam codificar para os ouvintes, as imagens visuais que não são transmitidas (MORATO, 2007). Já para os jogadores e ex-jogadores profissionais a televisão foi apontada como um veículo de comunicação de destaque, pois é lá que os ídolos são vistos.

As formas de idolatria

A idolatria é uma das formas que pode assumir a aproximação torcedor-jogador-clubes e mais especificamente do ídolo com aquele que o idolatra. A idolatria por algum jogador pode aparecer por meio de admiração ou imitação.

Admirar é uma maneira de observar atentamente o que faz determinada pessoa e imitar é buscar realizar os seus feitos, mesmo que de forma simbólica. É uma forma de se aproximar

⁸ Com exceção dos dois ex-jogadores, os demais entrevistados não conheceram o Pelé enquanto jogador de futebol profissional.

⁹ Para essa discussão consultar: especialmente o capítulo 8 – Estética e Futebol – da tese de Damo (2005) e o livro de Gumbrecht (2007).

¹⁰ A primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol no Brasil aconteceu no dia 10 de dezembro de 1950, pela TV Tupi Difusora, de um jogo do campeonato paulista do mesmo ano (FANUCCHI, 1996). Se compararmos à Europa, a primeira transmissão ao vivo foi feita pela BBC da Inglaterra na final da Copa de 1938 (PRONI, 2000), portanto, muito tempo antes da chegada da televisão ao Brasil.

do ídolo e de se sentir em seu lugar (GIGLIO, 2007)¹¹. A imitação só se faz presente quando já existe certa admiração. Não há sentido em imitar algo que não se admire ou que não seja significativo para quem imita (MARTINS, 2009).

Durante as brincadeiras infantis com bola podem-se notar as repetições de lances e gestos de seus ídolos e mesmo da mudança de identidade, ao dizer o nome de algum craque após a execução de uma jogada. O imaginário estabelece aproximação com o ídolo e faz com que aquele que o idolatra assuma seu lugar e seu nome.

A presença do ídolo na infância representa e reforça a importância dessas figuras dentro do processo de formação do imaginário colocando o futebol em destaque para a nossa sociedade. Entre as inúmeras formas de se lidar com o ídolo na infância, destacamos o relato de Busso (2009, p. 95) sobre a relação entre um menino, o futebol e o seu ídolo:

Um jogo se inicia na quadra do Centro Comunitário, na aula das turmas de 7ª séries. Tanto a bola que se direciona para o ataque, quanto aquela que se direciona para a defesa de uma das equipes sempre tocam os pés de um garoto. Com um olhar fixo, este mesmo garoto que havia ameaçado o gol adversário anteriormente, aproveita a reposição de bola do goleiro, recupera a posse da bola, realiza um giro por sobre a bola, chuta-a para o gol e marca seu segundo ponto no jogo. Em seguida, ele cobre a cabeça com sua camiseta, que era da Seleção Brasileira de Futebol, começa a correr pela quadra dizendo: eu sou **Filho do Ronaldinho!** (grifo nosso)

Ao longo do trabalho Busso (2009) explica que o garoto que se autodenomina Filho do Ronaldinho o faz dessa forma por gostar do Ronaldinho Gaúcho. O menino afirma que gosta dele porque esse atleta sabe jogar e girar sobre a bola. Gostar daquilo que o ídolo faz o incentivou para que aprendesse a jogar e a imitar algo que valoriza nele – os giros sobre a bola.

Esse fato reforça o pensamento de que existe uma qualidade genética como determinante do saber futebolístico e, dentro dessa lógica, ser filho do Ronaldinho seria o suficiente para saber jogar futebol, como se isso fosse um dom. Embora relate ter aprendido um pouco sobre futebol com

o pai e que pratique futebol (treine os dribles) em diferentes contextos, ao se posicionar como filho do Ronaldinho corrobora com o pensamento de que o saber jogar seja algo hereditário e reforça a visão corrente de que futebol não se ensina, ou seja, é exclusividade dos agraciados pelo dom (DAMO, 2005, 2007; GIGLIO et al., 2008; SCAGLIA, 1999).

Todos os entrevistados relataram que a admiração por algum jogador sempre esteve presente em sua vida. Alguns jogadores profissionais disseram que não tinham ídolo, embora mantivessem uma relação de admiração por alguns jogadores. Enquanto outros reconheceram que já estiveram na condição de torcedor/fã e idolatraram algum atleta. Os jogadores de futebol para cegos relataram que os ídolos do futebol mundial também os inspiraram em sua infância, no início de seu aprendizado.

Os entrevistados que acompanharam desde cedo o futebol relatam a presença do ídolo quando ainda eram crianças. Eles afirmam que em suas brincadeiras sempre falavam os nomes de seus ídolos.

Assim, independente da condição funcional (deficiência ou não), os entrevistados sonhavam em serem parecidos com os seus ídolos. O sonho de ser um jogador e ser parecido com o ídolo aparece como um elemento importante na formação dos atletas ainda quando criança, pois veem na figura dos ídolos uma motivação para tal.

Eu acho que a gente tira exemplos de várias pessoas, de vários atletas assim, não só no futebol, mas na vida do esporte né. Eu acho que, tenho um ídolo sim, o Schumacher que era o goleiro seleção da Alemanha, isso em 78. Eu devia ter uns seis anos, já admirava. Não tinha nem, nem ia saber o que era ser jogar futebol ou ser goleiro. Então, e o Rodolfo Rodrigues né, são assim dois ídolos no meio do futebol, na bola mesmo que eu admiro muito. (Jog. Prof. 4).

Boa parte dos entrevistados joga na mesma posição de seus ídolos. Isso demonstra a necessidade de tentar repetir os mesmos caminhos que seus ídolos traçaram. E seguir os mesmos caminhos não significa, para os entrevistados, ser igual ao ídolo, mas sim, buscar igualar ou ultrapassar os feitos deles.

Têm algumas pessoas que a gente procura se espelhar, o próprio Careca, enfim, outras

¹¹ Na final da Copa do Mundo de 2002, Ronaldo ("Fenômeno") apareceu com um novo corte de cabelo. Somente manteve uma franja triangular, sendo o restante do cabelo cortado, deixando-o praticamente careca. Não tardou para que muitas pessoas fossem vistas com o novo corte. Exemplo similar

aconteceu com corte de cabelo "moicano" apresentado pelo jogador inglês Beckham.

peças aqui no Brasil. Têm grandes atacantes e a gente claro que se espelha sempre num jogador ali de ataque até pela posição ser igual a minha. [...] Igual não né. Igual é um pouco difícil, mas é claro que realizar os objetivos que ele realizava. Ele sempre fazia gols, sempre era artilheiro das equipes que ele passou e graças a Deus isso eu peguei um pouco dele. Hoje eu tenho uma história maravilhosa no meu time, como maior artilheiro na história do estádio e o terceiro na história do clube. Isso eu acho que foi o lado positivo (Jog. Prof. 7).

A imitação dos ídolos também existe no mundo não visual, mas é feita por outros meios, que não os referenciais visuais. O contato com outros jogadores e a possibilidade de participar de eventos esportivos permitiu que o entrevistado abaixo construísse suas próprias estratégias de jogo a partir da captação das estratégias dos outros.

Na verdade você vai..., você vai captando várias formas de jogar, várias técnicas, para você formar a sua. É igual opinião. Você vai coletando várias opiniões para você formar a sua. Você nunca... isso a gente nunca forma uma opinião sem conhecer as outras, né. E assim é o estilo de jogar também. Então eu vejo aquele jogador, como que ele conduz a bola? Rápido! Então peraí, eu também tenho que conduzir rápido, porque o dele, o jeito dele é eficiente... Como que ele faz para conduzir a bola? Entre os pés. A bola, ele tem a... ele conduz com muita técnica, ele gira, ele faz isso, faz aquilo. Então você vai pegando um pouquinho de cada um e montando, e montando o seu futebol. Foi assim que eu iniciei. Pegando um pouquinho de cada um, a experiência de cada um e montando meu próprio futebol que hoje as pessoas, alguns atletas pegam como exemplo, como eu peguei dos outros (Jog. Fut. Cego 2).

A predileção por um clube, o acompanhamento dos jogos de sua equipe e de seus ídolos do futebol profissional expuseram os entrevistados aos símbolos valorizados pela cultura deste país, motivando a busca pela prática do esporte.

Você sempre sonha né, quando criança assim, você tem aquele ídolo né e você sempre sonha em quando ser jogador né, procurar ser um pouco né parecido como foi né, esses ídolos da gente. Então, a gente sempre sonha sim né, sempre gostaria de ser igual, mas nem sempre a gente consegue, pois cada um tem uma característica (Jog. Prof. 2).

Agora no esporte comum, como um bom corintiano sempre gostei muito de ver¹² o

¹² Em nossa sociedade o verbo ver tornou-se sinônimo de conhecer. Mesmo as pessoas que não possuem o sentido visual utilizam "verbos visuais" como ver, assistir, observar etc. para demonstrar que acompanham à sua maneira (principalmente auditiva e sinestésica) as imagens da cultura ao qual estão inseridas (MORATO, 2007).

Sócrates jogar [risos]. Pela habilidade dele, pelo toque de bola. É uma coisa que eu gosto muito de fazer, toque de bola, me inspirei muito nele talvez (Jog. Fut. Cego 4).

[...] no esporte normal, mundial aí, eu gosto muito do futebol e até..., não tento fazer como ele, mas a técnica, apurar minha técnica, a gente vê alguns craques, algumas pessoas que são lendas como dizem que foi Pelé, como dizem que foi Maradona, que eu não vi jogar, mas to assistindo o Zidane jogar, então... o Ronaldinho Gaúcho, o próprio Robinho, então quer dizer, são atletas que, que você tem como ídolo (Jog. Fut. Cego 2).

Por mais que as pessoas cegas¹³ se incluam numa sociedade que preconiza tanto o sentido visual¹⁴ (e por isso, pode ser considerado o maior difusor do patrimônio existente entre os sentidos utilizados), elas não ficam imunes às influências dos fenômenos relevantes para suas culturas, como o futebol no Brasil, por exemplo.

O tratamento diferenciado da mídia, quando o assunto é o paradesporto, dificulta a construção e difusão de ídolos no futebol para cegos, mas mesmo assim, tais figuras não deixam de existir. A participação das equipes em eventos paradesportivos gera histórias das próprias equipes e dos jogadores que passaram por elas. Essas histórias difundem-se pelos institutos e associações¹⁵, transformando esses jogadores em modelos para os alunos mais novos e enchendo-os de motivação para iniciar a prática ou para continuarem a praticá-la.

É, na verdade quando eu comecei a jogar assim, eu gostava do futebol do menino que já faleceu, [...], foi o Marco Antônio e ele era conhecido como Plê... e saiu até numa revista dizendo que ele era... revista francesa, dizendo que ele era o Pelé dos cegos, então eu gostava muito do futebol do Plê, que era um futebol meio arte, um futebol meio brincalhão (Jog. Fut. Cego 3).

¹³ Alguns já nascem cegos ou perdem a visão antes do quinto ano de vida (cegueira congênita), não se lembrando de qualquer informação visual. Outros perdem a visão posteriormente (cegueira adquirida) (MENESCAL, 2001) e dizem se lembrar de algumas imagens, que vão se perdendo no decorrer da vida com o desuso da memória visual (SACKS, 1995).

¹⁴ Metade do córtex cerebral é dedicado a visão (SACKS, 1995) e 70% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos (ACKERMAN, 1996).

¹⁵ Os institutos, entidades ou associações especializadas ao atendimento às pessoas com deficiência visual são os contextos primordiais para a prática esportiva e o desenvolvimento do futebol para cegos. Por ser um objeto social, construído humano e de relações humanas, o instituto/entidade não fica "imune ao vírus" do fenômeno futebol. Tanto os entrevistados que nasceram com a deficiência visual (deficiência congênita) quanto aqueles que a adquiriram (deficiência adquirida) encontraram no instituto/entidade um local propício para a prática do futebol (MORATO, 2007).

Olha! Ídolo, ídolo, ídolo no futebol de cinco [futebol para cegos] não... eu não tenho ídolo assim que eu pude... eu gosto muito, sempre gostei muito do Ivan da ADEVIBEL, um rapaz que jogava na ADEVIBEL, pela habilidade que ele tinha, pelo toque que ele tinha de bater na bola, os chutes cruzados muito bons. Foi o único cego que eu vi que fazia peteca [embaixadas] com a bola realmente, fazia bolinha (Jog. Fut. Cego 4).

Tais modelos auxiliam a transmissão do patrimônio da modalidade. Porém, apesar do reconhecimento existente para com os jogadores contemporâneos de futebol para cegos, os entrevistados se negam a referenciá-los como ídolos, demonstrando uma inferioridade em relação ao tratamento dado aos ídolos do futebol profissional. Infere-se que a proximidade entre os jogadores, o contato freqüente, o pouco tempo de institucionalização da modalidade¹⁶ e a ainda pequena divulgação pelo restrito interesse midiático, podem justificar ou, pelo menos, amenizar esse comportamento.

Os papéis dos ídolos

Os ídolos passam a compor uma nova condição de vida. Eles se tornam figuras públicas e carregam a possibilidade imaginária de vitória de milhares de pessoas. A afirmação de [Campbell \(1990, p. 13\)](#) ao analisar os rituais importantes para as sociedades pode muito bem ser associada à condição de ídolo no futebol: “Você desiste de sua vida pessoal e aceita uma forma socialmente determinada de vida, a serviço da sociedade de que você é membro”. Os ídolos estão a serviço do clã que representam e seu sucesso ou decadência está intimamente ligado ao seu desempenho dentro de campo e aos “bons exemplos” que transmite em sua vida particular.

¹⁶ A prática do futebol por pessoas com deficiência visual teve seu início em meados da década de 1920 na Espanha, nas escolas e institutos especializados ao atendimento desse público, como forma de recreação dos alunos ([IBSA, 2008](#)). No Brasil, existem relatos da prática do futebol desde a década de 1950, também em escolas e institutos especializados ([CBDC, 2007](#)). Segundo [Fontes \(2006\)](#), os primeiros institutos nacionais a praticar o futebol para cegos foram o Instituto Santa Luzia, em Porto Alegre; o Instituto Padre Chico, em São Paulo; e o Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro. Em alguns casos as crianças com deficiência visual começaram a praticar a modalidade em ambientes informais, pela convivência com outras crianças que não possuem deficiência ([ITANI, 2004](#)). O futebol para cegos atual tem as regras baseadas no futsal, com algumas alterações. A International Blind Sports Federation (IBSA), criada em 1981 na Espanha, gerencia a modalidade e todas as outras modalidades esportivas para cegos em nível mundial e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em nível nacional.

Por conta dos recortes e seleções de cenas relativas ao mundo esportivo, os jogadores que conquistam o status de ídolo têm a sua imagem associada a uma série de comodidades, ou melhor, aquele que chegou à condição de destaque possui uma vida privilegiada. Apenas treina para poder se apresentar no momento do jogo. Ora, quem não queria isso para sua vida? Esse pensamento é de que o atleta só faz aquilo e freqüentemente vincula-se nos meios de comunicação que é muito mais sacrificante ficar oito horas sentado num escritório do que ser um jogador. Assim, a vida do atleta é vista “[...] como uma sucessão de regalias, facilidades, fama e sucesso financeiro” ([RUBIO, 2001](#), p. 175).

Essa é a imagem que as pessoas recebem quando entram em contato com os ídolos. Assim, a profissão de jogador de futebol se estabelece no imaginário social brasileiro. É lá que o sonho de criança começa a ser cultivado. Os pais estimulam seus filhos a tentar a carreira, pois talvez essa seja a única maneira de mudar a situação financeira da família. É a estrutura social brasileira, marcada pela desigualdade que ressalta o sucesso do jogador, cantor ou artista, que saiu da infância pobre, da favela, da miséria e que hoje é uma pessoa bem sucedida. Não é de se estranhar que essas pessoas sejam referências como modelos, já que estão em evidência pela mídia.

Para enfrentar os inúmeros obstáculos, os meninos que sonham em seguir a carreira de jogador de futebol, recorrem a uma série de estímulos, entre os quais destacamos: a possibilidade de mudança de vida e com ela adquirir bens materiais; as pseudo-regalias que os jogadores possuem; o desejo de jogar entre os craques e nos melhores estádios; jogar pelo time que torce; além da presença da figura do ídolo dentro do processo da construção da paixão pelo clube do coração.

Ser ídolo é estabelecer uma relação com aquele que o idolatra. Ou seja, há um reconhecimento por parte do jogador que ele esteja na condição de ser idolatrado e por parte do admirador que o idolatra. [Souto \(2000, p. 93\)](#) revela que

[...] a auto-percepção de cada um muda aceleradamente quando passa a ter acesso à região de fundo do universo sagrado e começa a se enxergar como um dos membros dessa equipe e a conhecer seus códigos e valores.

Como se auto-percebem os jogadores que agora ocupam o lugar tão sonhado na infância, o de ser jogador de futebol e, além disso, assumem a condição de ídolo?

[...] não me considero um ídolo não. [...] tô no grupo aqui e sou uma pessoa normal. Acho que esse negócio de ídolo, acho que seria um pouco um [...], bastante responsabilidade. Então, acho que vou fugir um pouco dessa responsabilidade que ídolo é para as pessoas aí que já conquistaram um espaço maior no futebol e eu tô começando agora e pretendo alcançar isso daí com trabalho e com dedicação (Jog. Prof. 5).

Essa resposta revela que ser uma pessoa “normal” o distancia da condição de ídolo. Encara a condição de ídolo como uma responsabilidade extrema (vinculada à valores e referências que a sociedade espera que um ídolo transmita) e, por isso, o entrevistado prefere a situação de “certo anonimato”, mesmo sendo o artilheiro da equipe na época da entrevista.

No caso dos jogadores de futebol para cegos, o histórico do preconceito para com as pessoas com deficiência determinou grande parte do contexto social ao qual eles estão inseridos e também a discriminação a eles direcionada.

[...] a gente não tem o mesmo prestígio que eles, mas a gente tenta buscar nosso lugar ao sol né, então... na verdade a gente não quer ser ídolo de ninguém. A gente tem nossos ídolos, nós já temos nossos ídolos próprios, mas a gente quer nos manter, nos manter humildes como eles. Já é um bom passo para alcançar um pouco da glória que todo ser humano merece. [...] É, por exemplo, a gente não sonha ganhar um tanto que um Ronaldinho ganha, mas peraí, a gente pode ganhar pelo menos um pouquinho. Né, uma, um pouquinho do que, do que se paga para pessoa que enxerga, né, poderia se pagar um pouquinho para pessoa que não enxerga também, né. Não tem mal nisso, em se remunerar um deficiente, né. Ele também mostra futebol e... e é um bonito futebol (Jog. Fut. Cego 2).

Pelo esporte a discriminação tem sido questionada, pois a deficiência dá lugar à eficiência; e a limitação à potencialidade. Os jogadores demonstram sua capacidade e isso influencia o fenômeno e o contexto social, formando um ciclo que volta a influenciar as pessoas com deficiência a questionarem a discriminação e a demonstrarem sua eficiência. O fato de ser um bom jogador demanda reconhecimento social e financeiro e não piedade pela condição de deficiência. Aqueles que demonstram um bom futebol merecem usufruir da “glória” imersa na valorização do desempenho.

A eficiência demonstrada nos resultados obtidos pela seleção nacional de futebol para cegos¹⁷ exemplifica o destaque que o país possui na modalidade. Fazer parte da seleção representa a possibilidade de reconhecimento pelo que faz e de tornar-se modelo para futuras gerações. O reconhecimento dificilmente sai da área do paradesporto, pela diminuta difusão na mídia, mas se apresenta com destaque dentro dela.

E hoje eu fiquei muito alegre, antes de ontem eu fiquei muito alegre quando um menino de Campos [iniciante no futebol para cegos], ele chegou para mim falando que é meu fã. Então isso gratifica, isso te dá uma, uma alegria no trabalho que você faz, te dá uma força para o trabalho que você faz, né. (Jog. Fut. Cego 2).

O preconceito que por muito tempo cerceou, e em alguns contextos ainda cerceia as possibilidades de convívio e de desenvolvimento dessas pessoas, deixou marcas e cicatrizes nos entrevistados, determinando certa repulsa à diferença de interesse, de investimento e de tratamento da mídia, dos órgãos gerenciadores e do público em geral para com a modalidade esportiva que praticam. Há neste momento uma inversão de paradigmas em relação ao papel da pessoa com deficiência no contexto esportivo, já que ela deixa de ser apenas um “cego que joga futebol” para tornar-se uma referência.

Considerações finais

Para ser ídolo é preciso ter quem idolatre, admirando ou imitando suas imagens. Para que a admiração aconteça é preciso estabelecer vínculos e no futebol profissional os vínculos serão maiores quanto forem maiores as relações dos jogadores com o seu clube e principalmente com sua torcida.

Seus feitos serão “mostrados” pelos canais midiáticos e se os vínculos jogador-clube-torcedor estiverem bem estabelecidos, tais feitos serão exaltados e sua imagem cada vez mais valorizada. A valorização é destinada aos grandes vencedores e aos realizadores de feitos inimagináveis.

A admiração pelos ídolos passa por duas fases. Ainda quando crianças veem aqueles seres humanos como um exemplo de motivação, já que um dia esperam gozar de todos os seus privilégios. Quando o sonho de ser jogador de

¹⁷ No Futebol para Cegos, o Brasil é tricampeão mundial, em cinco edições disputadas e bi-campeão paraolímpico, em duas edições: em Atenas/2004 e Pequim/2008.

futebol concretiza-se, eles passam a observar outros jogadores para aprender como jogam.

A construção da idolatria entre o ídolo e seus admiradores, se faz pela relação direta entre os que acompanharam os passos do ídolo nos campos de futebol. Se o jogador ficar por muitos anos defendendo as mesmas cores poderá ser visto, numa visão romântica, como um jogador que tem amor ao clube. Se levar o time a disputar finais e a conquistar títulos, será sempre lembrado pela felicidade que proporcionou a torcida.

Como as vitórias e os feitos são dependentes das categorias tempo e espaço, a idolatria pelos ídolos acaba tendo um “prazo de validade”. Assim, a construção da relação entre ídolo e admiradores é estabelecida, principalmente, por aqueles torcedores ou aprendizes que o viram jogar. É essa reposição cíclica que faz com que novos ídolos surjam em espaços e tempo delimitados, mantendo viva a paixão e o interesse pelo futebol e renovando o sonho de seguir seus passos.

A grande diferença existente entre os dois contextos investigados repousa nos vínculos estabelecidos entre jogadores-torcedores-clubes. Como um dos tripés da tríade é inexistente ou bem reduzida no futebol para cegos (a torcida é formada somente pelos próprios associados ou alunos da instituição/associação/equipe), e o interesse da mídia para com a modalidade bem restrita, a construção das imagens quase não ocorre e quando ocorre recebe valoração inferior às imagens criadas e difundidas pelo futebol profissional.

Referências

- ACKERMAN, D. **Uma história natural dos sentidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BUSSO, G. L. **O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar**: encontro, confronto e atualização. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ESPORTES PARA CEGOS (CBDC). Disponível em: <<http://www.cbdc.org.br>>. Acesso em: 12 nov. 2007.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Anpocs, 2007.
- FANUCCHI, M. **Nossa próxima atração**: o interprograma no canal 3. São Paulo: Edusp, 1996.
- FONTES, M. S. Futebol de cinco para cegos. In: CASTELLI, D. P.; FONTES, M. S. **Futebol paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.
- FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Fapesp: Educ, 2009.
- GIGLIO, S. S. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GIGLIO, S. S.; MORATO, M. P.; STUCCHI, S.; ALMEIDA, J. J. G. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.
- GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza estética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION (IBSA). Disponível em: <<http://ibsa.es>>. Acesso em: 20 out. 2008.

ITANI, D. E. **Futebol de cinco**: um esporte possível para cegos. 2004. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MARTINS, J. S. **Situações práticas de ensino e aprendizagem significativa**. Campinas: Autores Associados, 2009.

MENESCAL, A. A criança portadora de deficiência visual usando o seu corpo e descobrindo o mundo: atividades físicas e esportivas. In: BRASIL. Ministério do Esporte e Turismo. Secretaria Nacional de Esporte. **Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência**. Brasília: Sese-DN, 2001.

MORATO, M. P. **Técnicas e táticas do futebol para cegos (futebol de cinco)**. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MORATO, M. P. Dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. IN: DAOLIO, J. (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SACKS, O. W. **Um antropólogo em marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e se ensina**. 1999. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SOUTO, S. M. **Os três tempos do jogo**: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Esse artigo é fruto de reflexões e diálogos construídos pelos autores durante a realização de suas dissertações de mestrado – Vide Giglio (2007) e Morato (2007) – ambas defendidas na Faculdade de Educação Física da Unicamp e financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Endereço:
Márcio Pereira Morato
Rua do sol, 148 – Edifício Camélia 31
Jardim do Sol
Campinas SP Brasil
13085-260
Telefone: (19) 8838.1055
e-mail: mpmorato@gmail.com

*Recebido em: 14 de setembro de 2009.
Aceito em: 25 de maio de 2010.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Creative Commons - Atribuição 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/)